

À SOMBRA DO DARWINISMO SOCIAL: REPRESENTAÇÕES RACIAIS EM *O CORTIÇO* (1890), DE ALUÍSIO AZEVEDO¹

IN THE SHADOW OF SOCIAL DARWINISM: RACIAL REPRESENTATIONS IN “O CORTIÇO” (1890) BY ALUÍSIO AZEVEDO

MARLZONNI MARRELLI MATOS MAURICIO

<https://orcid.org/0000-0003-3036-5302>

Doutor em História pela UFMA

marlzonni@gmail.com

RESUMO

O presente artigo analisa o romance *O cortiço* (1890), de Aluísio Azevedo, com foco nas representações dos personagens João Romão, Bertoleza, Jerônimo e Rita Baiana, pondo em debate a maneira como esses personagens são representados (social e) racialmente, bem como as ideias que incidem sobre eles. Do ponto de vista teórico e metodológico, empregam-se, neste artigo, os conceitos de representação, prática e apropriação para examinar o deslocamento ideológico da sociedade brasileira no pós-abolição, marcado pela ascensão do pensamento eugenista e pela consolidação da tese do branqueamento, em associação ao darwinismo social. Propõe-se, assim, um estudo crítico do romance enquanto espaço de construção de sentidos racialmente motivados.

PALAVRAS-CHAVE: Aluísio Azevedo; Representação; Darwinismo social; Literatura brasileira.

ABSTRACT

This article analyzes the novel *O cortiço* (1890) by Aluísio Azevedo, focusing on the representations of the characters João Romão, Bertoleza, Jerônimo, and Rita Baiana, and addressing the ways in which these characters are (socially and) racially represented, as well as the ideas that bear upon them. From a theoretical and methodological perspective, this article employs the concepts of representation, practice, and appropriation to examine the ideological shift in Brazilian society in the post-abolition period, marked by the rise of eugenic thought and the consolidation of the Whitening Thesis, in association with Social Darwinism. The article thus proposes a critical study of the novel as a space for the construction of racially motivated meanings.

KEYWORDS: Aluísio Azevedo; Representation; Social Darwinism; Brazilian literature.

INTRODUÇÃO

¹ O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

Acerca do interesse pela literatura, como fonte e objeto de pesquisa, esclarece-se que ela constitui uma forma de registro textual historicamente situado e motivado, no qual podem ser percebidas as ideias e os processos sociais do contexto que originou sua existência, permitindo re(a)presentar o que, à época, poderia ser considerado real.

Importa também elucidar que, na literatura, busca-se analisar as ideias e os processos sociais por meio das representações do mundo social que nela se inscrevem, considerando o fato de que ela, por si só, é uma representação. Nesse sentido, a literatura é entendida como um produto cultural de determinado contexto, uma parte expressiva e constitutiva do real histórico vivido.

Ainda, a literatura é entendida como um produto cultural para além de um texto esteticamente situado (e valorizado ou canonizado), que resulta, antes, da interação entre práticas sociais e de leitura com o momento de sua produção (e recepção); portanto, como uma construção histórica (oriunda do campo da arte).

Para analisar o romance *O cortiço*, empregam-se três conceitos desenvolvidos por Roger Chartier: representação, apropriação e prática. A escolha se fundamenta em sua teoria como um todo, porquanto possibilita adentrar o campo das lutas simbólicas e compreender os mecanismos pelos quais os grupos (ou os indivíduos) tentam impor sua visão de mundo, seus valores e, sobretudo, seu domínio (Chartier, 1990).

O que há para ler na literatura é a representação que ela comporta, e o que nela se procura é a representação do mundo, que assume a forma narrativa, como representação do real, comportando, assim, a atribuição de um sentido (Pesavento, 2000). Em vista disso, neste artigo, inicialmente, analisa-se como Aluísio Azevedo representa os personagens João Romão e Bertoleza e, depois, Jerônimo e Rita Baiana, debatendo a maneira como esses personagens são representados (social e) racialmente, assim como as ideias que incidem sobre eles.

Representações de João Romão e Bertoleza

Cabe logo notar que, embora publicado em 1890, o enredo de *O cortiço* se ambienta no período imperial, pouco antes da abolição da escravatura. Isso é evidente porque o

relacionamento entre João Romão e Bertoleza se desenvolve e termina fatidicamente em consequência do direito de propriedade sobre os escravizados, vigente nesse contexto.

No romance, Aluísio Azevedo representa os personagens de maneira crua e sem idealizações românticas. A narrativa se desenvolve em um cortiço pobre, localizado no bairro do Botafogo, no Rio de Janeiro, que funciona como uma alegoria do Brasil, onde o meio e a raça influenciam o comportamento dos personagens e, muitas vezes, determinam seus desventurados destinos.

O português João Romão protagoniza *O cortiço* e é caracterizado por sua cobiça desmedida e pelo sonho delirante de enriquecer no Brasil. Esse traço pode ser constatado logo na passagem que enceta o romance:

João Romão foi, dos treze aos vinte e cinco anos, empregado de um vendeiro que enriqueceu entre as quatro paredes de uma suja e obscura taverna nos refolhos do bairro de Botafogo; e tanto economizou do pouco que ganhara nessa dúzia de anos, que, ao retirar-se o patrão para a terra, lhe deixou, em pagamento de ordenados vencidos, nem só a venda com o que estava dentro, como ainda um conto e quinhentos em dinheiro. Proprietário e estabelecido por sua conta, o rapaz atirou-se à labutação ainda com mais ardor, possuindo-se de tal delírio de enriquecer, que afrontava resignado as mais duras privações. Dormia sobre o balcão da própria venda, em cima de uma esteira, fazendo travesseiro de um saco de estopa cheio de palha (Azevedo, 1890, p. 7-8).

Para concretizar seu sonho delirante, João Romão se priva de tudo o que pode para economizar e acumular capital. Todavia, além de se privar, explora todos à sua volta, sobretudo Bertoleza, que, como será observado adiante, se dedica inteiramente aos cuidados de seu amado.

Sem domingos nem dias santos, o protagonista busca se assenhorar do alheio. Frequentemente, deixa de pagar o que deve, mas nunca deixa de cobrar o que lhe é devido. Além disso, rouba sua pobre freguesia, enganando-a nos pesos e medidas, e compra produtos furtados por escravizados de seus senhores, tudo sem o menor peso na consciência. Observa-se, aliás, a forma nada honesta com que empreende seu cortiço:

João Romão não saía nunca a passeio, nem ia à missa aos domingos; tudo que rendia a sua venda e mais a quitanda seguia direitinho para a caixa econômica e daí então para o banco. Tanto assim que, [...] indo em hasta pública algumas braças de terra situadas ao fundo da taverna, arrematou-as logo e tratou, sem perda de tempo, de

construir três casinhas de porta e janela. Que milagres de esperteza e de economia não realizou ele nessa construção! Servia de pedreiro, amassava e carregava barro, quebrava pedra; pedra, que o velhaco, fora de horas, junto com a amiga, furtavam à pedreira do fundo, da mesma forma que subtraíam o material das casas em obra que havia por ali perto. Estes furtos eram feitos com todas as cautelas e sempre coroados do melhor sucesso [...]. João Romão observava durante o dia quais as obras em que ficava material para o dia seguinte, e à noite lá estava ele rente, mais a Bertoleza, a removerem tábuas, tijolos, telhas, sacos de cal, para o meio da rua, com tamanha habilidade que se não ouvia vislumbre de rumor (Azevedo, 1890, p. 12).

Por certo, João Romão representa tanto a cobiça dos primeiros colonizadores quanto a dos estrangeiros que chegam ao Brasil em busca de riqueza, especialmente com a chegada em massa de imigrantes europeus no Sudeste. Aluísio Azevedo foi um dos primeiros (e talvez um dos poucos) a abordar o enriquecimento pessoal por meio da exploração abusiva da força de trabalho (e de outros meios desonestos). O enredo de *O cortiço* acompanha a ascensão do protagonista, constituindo justamente o cerne do romance, e alegoriza a forma como os estrangeiros, no Brasil, exploram os nacionais para enriquecer rapidamente (Candido, 1993).

No entanto, Aluísio Azevedo situa o antagonismo entre estrangeiros e nacionais no campo das disputas raciais, como uma espécie de luta de raças, sem propor qualquer crítica à desigualdade social que incide sobre o cotidiano da maioria dos nacionais. Para ele, o estrangeiro, representado pelo português, corresponde a uma raça superior que luta para resistir ao meio tropicalizado do Brasil, na medida em que o nacional, composto, em sua maioria, por negros e mestiços, representa uma raça inferior, perfeitamente adaptada ao ambiente brasileiro, mas irreversivelmente vencida. Em *O cortiço*, o mestiço aparece como um tipo pândego, que pouco ou nada economiza do que ganha, restando-lhe apenas permanecer sob o domínio do estrangeiro, que, resistindo, vence, domina e explora o meio brasileiro.

Aqui, interessa mencionar uma diferença considerável entre a primeira edição de *O mulato* (1881) e *O cortiço*, pois, no primeiro, o meio se limita ao âmbito social, enquanto no segundo o meio compreende, ademais, o ambiente natural, propriamente o clima tropical do Brasil, que interfere diretamente no social e, por conseguinte, na vida intelectual e passional dos indivíduos neles contidos.² Essa diferença em *O cortiço* decorre, por certo, do fato de o

² Na primeira edição de *O mulato*, publicada em 1881, incorporam-se elementos do Positivismo comtiano para construir um discurso que permite uma crítica à escravidão e uma defesa da educação positiva como meio de contornar o preconceito racial e, de certo modo, de integrar os nacionais de ascendência africana à sociedade brasileira (cf. Azevedo, 1881).

romance estar bem mais alinhado à concepção de meios apresentada por Émile Zola, em *Le roman expérimental* (1881). Nele, Zola defende que o homem vive em sociedade, em um meio social e que esse meio atua incessantemente sobre os fenômenos humanos, mas defende ainda que o meio natural atua igualmente sobre tais fenômenos. Azevedo, entretanto, pensando tal concepção em conformidade com a noção de natureza embutida nas teorias raciais em voga, acaba sobrepondo o natural ao social.

Considerado isso, o olhar de Aluísio Azevedo sobre os estrangeiros e sua relação com o Brasil e os nacionais se revela ambíguo. Ao mesmo tempo em que manifesta certo ressentimento pela presença do europeu, que historicamente explora o povo brasileiro, reconhece-se sua importância, sobretudo como uma alternativa ao próprio brasileiro, que, segundo essa perspectiva, pouco ou nada faz de proveitoso para o país. Essa ambiguidade era comum entre os grupos intelectuais da época, pois, para eles, mesmo após quase cem anos de independência, a sociedade brasileira permanecia distante do modelo ideal emanado da Europa. Ademais, prevaleciam teorias que presumiam a inferioridade e a incapacidade da grande maioria dos brasileiros, devido à sua ascendência africana. Por conseguinte, o estrangeiro, fosse ele português ou de qualquer outra nacionalidade europeia, ainda que se apropriasse das riquezas do Brasil e explorasse os nacionais, era encarado como um mal necessário (Santos, 2005).³

João Romão representa, entre tantas coisas, a raça superior que vence o meio tropicalizado do Brasil, resistindo aos encantos e às taras dos nacionais mestiços. Para o protagonista, os brasileiros servem apenas como animais de ganho, uma força de trabalho a ser explorada por meio da taverna e do aluguel do cortiço, e nada além disso. Esse comportamento pode ser observado na passagem em que um grande incêndio consome quase todo o cortiço, e João Romão, curioso, persegue o velho Libório:

João Romão apareceu, e ele, assim que o viu, redobrou de aflição e torceu-se todo sobre as garrafas, defendendo-as com o corpo inteiro, a olhar aterrado e de esguelha para o seu interventor, como se dera cara a cara com um bandido. E, a cada passo que o vendeiro adiantava, o tremor e o sobressalto do velho recresciam, tirando-lhe da garganta grunhidos roucos de animal batido e assustado. Duas vezes tentou erguer-se; duas vezes rolou por terra moribundo. João Romão objurgou-lhe que qualquer demora

³ Antonio Candido subentende que tal ressentimento resultava do fato de a força de trabalho dos nacionais de ascendência africana ser explorada em favor da riqueza dos europeus, especialmente dos portugueses, e não de um restrito grupo de nacionais intelectualizados (cf. Candido, 1993).

ali seria morte certa: o incêndio avançava. Quis ajudá-lo a carregar o fardo, Libório, por única resposta, arregaçou os beiços, mostrando as gengivas sem dentes e tentando morder a mão que o vendeiro estendia já sobre as garrafas.

Mas, lá de cima, a ponta de uma língua de fogo varou o teto e iluminou de vermelho a miserável pocilga. Libório tentou ainda um esforço supremo, e nada pode, começando a tremer da cabeça aos pés, a tremer, a tremer, grudando-se cada vez mais à sua trouxa, e já estrebuchava, quando o vendeiro lhe a arrancou das garras com violência. Também era tempo, porque, depois de insinuar a língua, o fogo mostrou a boca e escancarou afinal a goela devoradora.

O tratante fugiu de carreira, abraçado à sua presa, enquanto o velho, sem conseguir pôr-se de pé, rastreava na pista dele, dificultosamente, estrangulado de desespero senil, já sem fala, rosnando uns vagidos de morte, os olhos turvos, todo ele roxo, os dedos enfiados como as unhas de um abutre ferido.

João Romão atravessou o pátio de carreira e meteu-se na sua toca para esconder o furto. Ao primeiro exame, de relance, reconheceu logo que era dinheiro em papel o que havia nas garrafas. Enterrou a trouxa na prateleira de um armário velho cheio de frascos e voltou lá fora para acompanhar o serviço dos bombeiros (Azevedo, 1890, p. 282-283).

Apesar da breve tentativa de salvar a vida de Libório, João Romão sequer lamenta a infortunada sorte de seu inquilino, chegando a esbravejar ao descobrir que uma boa quantia do dinheiro furtado estava fora de uso. Contudo, Libório interessa não apenas enquanto exemplo do comportamento do protagonista, mas também para destacar uma imagem (ou melhor dizendo, uma ideia antissemita e, portanto, racista) comum no século XIX: a representação dos judeus como indivíduos miseravelmente avaros. Observa-se, na passagem em que o narrador descreve os moradores do cortiço como pessoas mal remuneradas, que mal podiam matar a fome com o que ganhavam, que o personagem Libório se situa entre eles:

O velho Libório, que jamais ninguém sabia ao certo onde almoçava ou jantava, surgiu do seu buraco, que nem jabuti quando vê chuva.

[...] Ocupava o pior canto do cortiço e andava sempre a fariscar os sobejos alheios, filando aqui, filando ali, pedindo a um e a outro, como um mendigo, chorando misérias eternamente, apanhando pontas de cigarro para fumar no cachimbo, cachimbo que o somítico roubara de um pobre cego decrépito. Na estalagem diziam, todavia, que Libório tinha dinheiro aferrolhado, contra o que ele protestava ressentido, jurando a sua extrema penúria. E era tão feroz o demônio naquela fome de cão sem dono, que as mães recomendavam às suas crianças todo o cuidado [...], porque o diabo do velho, quando via algum pequeno desacompanhado, punha-se logo a rondá-lo, a cercá-lo de festas e a fazer-lhe ratices para o engabelar, até conseguir furtar-lhe [...] o vintenzinho que o pobrezinho trazia fechado na mão (Azevedo, 1890, p. 100).

Como ideologia, cabe notar que o racismo moderno surge no contexto do Imperialismo e da luta de classes, com a emergência do socialismo. As teses acerca das diferenças e

desigualdades humanas passaram a abranger não apenas as chamadas raças inferiores, mas também as classes e os gêneros marginalizados. Para as teorias raciais da época, apenas os homens das classes dominantes, como a burguesia e a aristocracia, eram verdadeiramente superiores. Assim sendo, judeus, pobres, mulheres e outras minorias eram igualmente vistos como inferiores e, portanto, passíveis de serem subjugados ou até mesmo eliminados, como se observa no processo neocolonial do continente africano a partir do século XIX ou, posteriormente, no Holocausto na Alemanha nazista, em meados do século XX (Seyferth, 1995).

A ideologia compreende um conjunto de representações aparentemente coerentes que regem, ou tendem a reger, o comportamento das pessoas diante do mundo social (Arendt, 2012 *apud* Mauricio, 2023). Além disso, ela se apropria de determinadas representações com um objetivo social e politicamente motivado, buscando, assim, produzir certos resultados. No século XIX, o racismo no Brasil, enquanto ideologia, tinha como propósito legitimar as desigualdades e reiterar as hierarquias sociais legadas pela escravidão.

Posto isso, observa-se a seguir como Bertoleza é representada e como se desenvolve seu relacionamento com João Romão. O narrador a descreve como uma mulher cafuza, escravizada, com aproximadamente trinta e poucos anos, que trabalha arduamente em sua quitanda, a mais movimentada do bairro, para pagar de jornal a seu dono e ainda guardar o pouco que lhe sobra para sua alforria.

Ademais, Bertoleza foi amiga, por certo tempo, com um português que, para sua infelicidade, morreu *estrompado* como uma besta, após puxar em sua carroça uma carga muito maior do que suas forças permitiam. Depois disso, seu destino se entrelaçou de forma trágica ao do protagonista, pois:

João Romão mostrou grande interesse por esta desgraça, fez-se até participante direto dos sofrimentos da vizinha, e com tamanho empenho a lamentou, que a boa mulher o escolheu para confidente das suas desventuras. Abriu-se com ele, contou-lhe a sua vida de amofinações e dificuldades. Seu senhor comia-lhe a pele do corpo! Não era brinquedo para uma pobre mulher ter de escarrar para ali, todos os meses, vinte mil réis em dinheiro! E segredou-lhe então o que já tinha junto para a sua liberdade e acabou pedindo ao vendeiro que lhe guardasse as economias, porque já de certa vez fora roubada por gatuños que lhe entraram na quitanda pelos fundos. Daí em diante, [...] tornou-se o caixa, o procurador e o conselheiro da crioula. No fim de pouco tempo era ele quem tomava conta de tudo que ela produzia, e era também quem punha e dispunha dos seus pecúlios, e quem se encarregava de remeter ao senhor os vinte mil réis mensais. Abriu-lhe logo uma conta corrente, e a quitandeira, quando

precisava de dinheiro para qualquer coisa, dava um pulo até à venda e recebia-o das mãos do vendeiro, de « Seu João » como ela dizia. Seu João debitava metodicamente essas pequenas quantias num caderninho, em cuja capa de papel pardo lia-se, mal escrito e em letras cortadas de jornal: Ativo e passivo de Bertoleza (Azevedo, 1890, p. 8-9).

João Romão, aos poucos, aproxima-se de Bertoleza, conquistando sua confiança de forma cega, embora ela fosse para ele apenas um meio de acumular capital mais rapidamente e concretizar seu sonho delirante de enriquecer no Brasil. Entretanto, Bertoleza jamais suspeitou de seus verdadeiros interesses, entregando-lhe toda a sua economia para que ele a administrasse e investisse em benefício do futuro de ambos. A confiança depositada na idoneidade do protagonista era tão grande que:

Por último, se alguém precisava tratar com ela qualquer negócio, nem mais se dava ao trabalho de procurá-la, ia logo direto a João Romão. Quando deram fé estavam amigados.

Ele propôs-lhe morarem juntos, e ela concordou de braços abertos, feliz em meter-se de novo com um português, porque, como toda a cafuza, Bertoleza não queria sujeitar-se a negros e procurava instintivamente o homem numa raça superior à sua (Azevedo, 1890, p. 8-9).

Essa passagem permite destacar algo extremamente interessante no pensamento de Aluísio Azevedo: sua maneira de ver e de pensar o mundo mudou substancialmente. Se, antes, em *O mulato* (cf. Azevedo, 1881), sua principal referência era o Positivismo de Augusto Comte, em *O cortiço* passa a predominar o darwinismo social de Herbert Spencer, especialmente em sua versão brasileira, que deu origem à tese do branqueamento.

O darwinismo social de Herbert Spencer buscava aplicar a teoria de Charles Darwin às sociedades humanas. Para a doutrina spenciana, os seres humanos eram, por natureza, desiguais e, portanto, dotados de diferentes capacidades, algumas consideradas superiores e outras, inferiores. A vida em sociedade era vista como uma luta natural pela sobrevivência, na qual os mais aptos tendiam a prosperar, acumular riquezas e ocupar posições de poder. A doutrina spenciana era, por certo, uma apologia ao *laissez-faire* econômico e social, bem como uma defesa do modelo capitalista de sociedade (Bolsanello, 1996).

Ademais, para essa doutrina, o Estado retardava esse processo ao adotar medidas sociais de assistência, porque, segundo essa lógica, os menos aptos deveriam perecer mais rapidamente

e deixar menos descendentes, tornando-se, por conseguinte, a principal referência para diversas teorias eugenistas. No Brasil, os grupos intelectuais acolheram o darwinismo social com certo entusiasmo; todavia, os preceitos deterministas dessa doutrina se confrontavam com a realidade brasileira, historicamente mestiça. Diante disso, surgia um impasse: condenar o mestiço e aceitar o negro como elemento degenerativo ou adaptar o darwinismo social à realidade do Brasil (Bolsanello, 1996; Mauricio, 2023).

Como a realidade brasileira destoava dos preceitos deterministas da doutrina spenciana, restou aceitar a ideia da diferença ontológica entre as raças, mas sem condenar a mestiçagem, ao menos enquanto processo de branqueamento. Caso contrário, seria condenar o Brasil ao fracasso diante das sociedades europeias (Mauricio, 2023).⁴

A ideia de que Bertoleza busca, por instinto, um homem de raça superior decorre da tese do branqueamento, uma teoria racial desenvolvida no Brasil. Essa tese era uma releitura do darwinismo social e reiterava a superioridade da raça branca por meio de eufemismos como raças mais adiantadas e raças menos adiantadas. Além disso, preconizava dois pontos principais: 1. A raça negra diminuía progressivamente em relação à raça branca devido a fatores como uma suposta baixa taxa de natalidade, maior incidência de doenças e uma desordem social inerente aos negros; 2. A mestiçagem levava naturalmente ao embranquecimento da sociedade, tanto porque o gene branco era considerado mais forte quanto porque, segundo essa lógica, as pessoas buscavam, por regra, parceiros brancos ou mais claros do que elas (Skidmore, 2012).

Na busca instintiva por um homem de raça superior, Bertoleza manifesta um comportamento autodepreciativo, especialmente ao perceber que João Romão, após enriquecer com a sua ajuda, mal a procurava como mulher. A passagem a seguir evidencia esse comportamento:

Escondia-se de todos, mesmo da gentilha do frege e da estalagem, envergonhada de si própria, amaldiçoando-se por ser quem era, triste de sentir-se a mancha negra, a indecorosa nódoa daquela prosperidade brilhante e clara.

E, no entanto, adorava o amigo; tinha por ele o fanatismo irracional das caboclas do Amazonas pelo branco a que se escravizavam, dessas que morrem de ciúmes, mas que

⁴ Muitos projetos de cunho nacional estavam impregnados de racismo e, em uma sociedade como a brasileira, marcada pela predominância de um povo mestiço de ascendência africana, a questão racial se tornava um tema oportuno. Diante disso, embora a realidade nacional impossibilitasse a plena aplicação dos preceitos deterministas da doutrina spenciana, fazia sentido utilizá-los ao menos como ferramenta político-ideológica (*cf.* Schwarcz, 1993).

também são capazes de matar-se para poupar ao seu ídolo a vergonha do seu amor. O que custava aquele homem consentir que ela, uma vez por outra, se chegasse para junto dele? Todo o dono, nos momentos de bom humor, afaga o seu cão[...]. O destino de Bertoleza fazia-se cada vez mais estreito e mais sombrio; pouco a pouco deixara totalmente de ser a amante do vendeiro, para ficar sendo só [...] sua escrava (Azevedo, 1890, p. 294).

Representações como essa eram comuns tanto na literatura quanto na sociedade. A ideia de que pessoas de ascendência africana buscavam necessariamente parceiros brancos ou mais claros tinha a intenção de consolidar, no imaginário social, a superioridade europeia como ideal de raça e cultura a ser alcançado, além de justificar a dominação sobre os corpos considerados inferiores e, portanto, indesejáveis.⁵

Os grupos intelectuais brasileiros, incluindo os literatos, mostravam-se resolutos quanto à ideia de que o africano era o agente do atraso da sociedade brasileira. Para eles, a maioria da população, composta por mestiços e negros, encontrava-se inapta a promover qualquer tipo de desenvolvimento no Brasil, pois era considerada ociosa, viciosa e pouco inteligente, tanto devido ao meio tropicalizado quanto, mormente, à mistura com a raça inferior, imposta pela escravatura. Como nada se podia fazer quanto ao meio tropicalizado, restava contornar o problema racial, impondo a toda a população de ascendência africana a ideia de branqueamento (Bolsanello, 1996).⁶

Para encerrar este momento, informa-se que o relacionamento entre João Romão e Bertoleza se apresenta como uma forma de crítica abolicionista tardia, embora possa parecer, à primeira vista, um tanto contraditório.

Bertoleza, em seu infeliz estado de animal de trabalho, ao perceber que João Romão já a desprezava como mulher, esperava apenas a certeza de amparo na velhice, quando já não tivesse forças para continuar a ganhar a vida. Todavia, seu companheiro de longa data, a quem ajudou a enriquecer, já tinha outros planos para ela, pois a *maldita da preta* era, para ele, o seu maior defeito, o elo que o prendia a um passado indigno. Assim sendo, entre matá-la ou devolvê-la aos familiares de seu antigo dono, João Romão optou pela segunda alternativa,

⁵ Todo povo colonizado nasce sob um complexo de inferioridade, resultado do apagamento de sua originalidade cultural, sendo compelido a assumir um papel conformado aos valores e padrões do colonizador (cf. Fanon, 2008).

⁶ No Brasil, os grupos intelectuais buscavam na raça as causas reais dos problemas sociais, como a desigualdade, a criminalidade e a violência, raramente questionando a ordem social imposta.

encerrando tragicamente a vida sofrida da personagem e concluindo o enredo do romance naturalista brasileiro mais bem-acabado:

Reconheceu logo o filho mais velho do seu primitivo senhor, e um calafrio percorreu-lhe o corpo. Num relance de grande perigo compreendeu a situação; adivinhou tudo com a lucidez de quem se vê perdido para sempre: adivinhou que tinha sido enganada; que a sua carta de alforria era uma mentira, e que o seu amante, não tendo coragem para matá-la, restituía-a ao cativoiro [...]. A negra, imóvel, cercada de escamas e tripas de peixe, com uma das mãos espalmada no chão e com a outra segurando a faca de cozinha, olhou aterrada para eles, sem pestanejar. Os policiais, vendo que ela se não despachava, desembainharam os sabres. Bertoleza então, erguendo-se com ímpeto de anta bravia, recuou de um salto e, antes que alguém conseguisse alcançá-la, já de um só golpe certo e fundo rasgara o ventre de lado a lado. E depois emborcou para a frente, rugindo e esfocinhando moribunda numa lameira de sangue. João Romão fugira até ao canto mais escuro do armazém, tapando o rosto com as mãos. Nesse momento parava à porta da rua uma carruagem. Era uma comissão de abolicionistas que vinham, de casaca, trazer-lhe respeitosamente o diploma de sócio benemérito. Ele mandou que os conduzissem para a sala de visitas (Azevedo, 1890, p. 353-354).

Bertoleza, assim como muitos escravizados na realidade, preferiu o suicídio a ser devolvida ao cativoiro. Todavia, o aspecto mais relevante, para além dos limites tênues entre a literatura e a realidade, reside no simbolismo do ato de a personagem rasgar seu ventre de lado a lado, configurando uma alegoria da Lei do Ventre Livre (ou Lei Rio Branco) de 28 de setembro de 1871, uma vez que muitos senhores costumavam fraudar essa lei em detrimento do direito de liberdade dos nascidos livres.

Aluísio Azevedo conclui *O cortiço* de maneira irônica, surpreendendo o leitor em uma primeira leitura do romance. Contudo, a relevância da obra vai além disso, ultrapassando a denúncia da exploração da população de ascendência africana pelo estrangeiro, historicamente o português, ou mesmo a crítica tardia às crueldades da escravatura. *O cortiço* se apresenta como importante instrumento para compreender como muitas Bertolezas foram concebidas e representadas na literatura.

Representações de Jerônimo e Rita Baiana

Em contrapartida ao protagonista, que supera o meio tropicalizado do Brasil, apresenta-se no romance o português Jerônimo, que, embora considerado racialmente superior, sucumbe social e moralmente aos encantos e às taras dos nacionais mestiços.

O narrador descreve Jerônimo como um homem trabalhador e disciplinado, que veio para o Brasil como colono de um fazendeiro, para quem trabalhou por dois anos. No entanto, desenvolveu aversão à lavoura brasileira, pois se viu submetido às mesmas condições degradantes dos negros escravizados, vivendo sem futuro e sem perspectiva, sendo encurralado como uma besta.

Após abandonar a fazenda, Jerônimo se mudou para o Rio de Janeiro e logo conseguiu emprego em uma pedreira, aprendendo um novo ofício. Graças à sua tenacidade, conforme prontamente descreve o narrador:

[...] Dentro de dois anos, distinguia-se tanto entre os companheiros, que o patrão o converteu numa espécie de contramestre e elevou-lhe o ordenado a setenta mil réis. Mas não foram só o seu zelo e a sua habilidade o que o pôs assim para a frente: duas outras coisas contribuíram muito para isso: a força de touro que o tornava respeitado e temido por todo o pessoal dos trabalhadores, como ainda, e talvez principalmente, a grande seriedade do seu caráter e a pureza austera dos seus costumes. Era homem de uma honestidade a toda a prova e de uma primitiva simplicidade no seu modo de viver. Saía de casa para o serviço e do serviço para a casa [...] (Azevedo, 1890, p. 75-76).

Não obstante, observa-se também como o narrador representa Piedade, esposa de Jerônimo, que, assim como ele, é imigrante:

Piedade merecia bem o seu homem, muito diligente, sadia, honesta, forte, bem acomodada com tudo e com todos, trabalhando de sol a sol e dando sempre tão boas contas da obrigação, que os seus fregueses de roupa, apesar daquela mudança para Botafogo, não a deixaram quase todos (Azevedo, 1890, p. 76).

Certamente, Jerônimo e Piedade representam o trabalhador europeu acostumado à racionalidade capitalista do trabalho, sendo ambos a força de trabalho que o capitalismo já havia produzido, conforme idealizavam os imigrantistas no Brasil. Isso permite pensar e corroborar a ideia de que as representações somente existem na medida em que constroem o mundo social, orientando, de maneira objetiva e contraditória, as práticas (Chartier, 1990).

Se, em *O mulato* (cf. Azevedo, 1881), sob a ingerência do Positivismo de Augusto Comte, observa-se uma defesa da integração das pessoas de ascendência africana por meio da educação positiva, além da valorização do mestiço, em *O cortiço*, alguns anos depois, sob a ingerência do darwinismo social de Herbert Spencer, nota-se um enaltecimento do europeu, que luta para vencer o meio tropicalizado do Brasil. Cabe destacar, ainda, que o mestiço, antes representado como um tipo imperativo para o progresso brasileiro, passa agora a ser visto como um tipo racial degenerativo, devido à sua ascendência africana.

A disciplina de Jerônimo no trabalho se desfaz aos poucos diante do meio tropicalizado do Brasil e, sobretudo, da influência de Rita Baiana. Seu comportamento e seus costumes se transformam substancialmente, porquanto ele troca o vinho pela aguardente de cana, o bacalhau com batatas pela feijoada com carne seca, adquire o gosto pelo fumo com os amigos e começa a faltar ao trabalho em razão das noites de samba. Essa mudança pode ser interpretada como um processo degenerativo:

Jerônimo tomava agora, todas as manhãs, uma xícara de café bem grosso, à moda da Ritinha, e tragava dois dedos de parati pra cortar a friagem. Uma transformação, lenta e profunda, operava-se nele, dia a dia, hora a hora, reviscerando-lhe o corpo e alando-lhe os sentidos, num trabalho misterioso e surdo de crisálida. A sua energia afrouxava lentamente: fazia-se contemplativo e amoroso. A vida americana e a natureza do Brasil patenteavam-lhe agora aspectos imprevisos e sedutores que o comoviam; esquecia-se dos seus primitivos sonhos de ambição, para idealizar felicidades novas, picantes e violentas; tornava-se liberal, imprevidente e franco, mais amigo de gastar que de guardar; adquiria desejos, tomava gosto aos prazeres, e volvia-se preguiçoso, resignando-se, vencido, às imposições do sol e do calor, muralha de fogo com que o espírito eternamente revoltado do último tamoio entrincheirou a pátria contra os conquistadores aventureiros. [...] Assim, pouco a pouco, se foram reformando todos os seus hábitos singelos de aldeão português; e Jerônimo abrasileirou-se [...]. E o curioso é que, quanto mais ia ele caindo nos usos e costumes brasileiros, tanto mais os seus sentidos se apuravam, posto que em detrimento das suas forças físicas (Azevedo, 1890, p. 133-134).

Primeiramente, a ideia de que a ociosidade é consequência do sol e do calor pode ser entendida como uma reminiscência do determinismo iluminista no Positivismo, que preconizava a preponderância do meio natural sobre as pessoas. A partir disso, observa-se o darwinismo social, que reafirmava a existência de tipos puros e irredutíveis, associando a mestiçagem (e até mesmo a mera coexistência entre as raças) à degeneração racial, tomando-a como sinônimo de degeneração social e moral.

O darwinismo social, marcado também pelo determinismo, defendia três teses: 1. a existência da realidade das raças e a ideia de que entre elas havia a mesma distância que entre um asno e um cavalo, condenando-se, assim, o cruzamento racial; 2. a continuidade da biologia no social, o que implicava uma hierarquia natural entre as culturas; 3. a preponderância do grupo racio-cultural sobre o comportamento dos indivíduos em sociedade, operando como uma forma de psicologia coletiva.

Diante da terceira tese, pode-se inferir que a transformação vivida por Jerônimo resulta da influência do meio tropical e, mormente, racio-cultural do Brasil, que o levou a adotar um comportamento tipicamente brasileiro.

O leitor pode questionar por que João Romão resistiu ao meio tropicalizado e racio-cultural do Brasil, enquanto Jerônimo sucumbiu completamente, sendo ambos portugueses. A diferença fundamental entre os dois é que o protagonista, ao contrário de Jerônimo, é movido por um sonho delirante de enriquecer, privando-se de tudo e explorando todos ao seu redor para acumular capital. Além disso, João Romão rejeita os encantos das mulatas brasileiras, preferindo a cafuza (negra) Bertoleza, descrita como *meio bicho e meio gente*, que, para ele, não passa de um corpo abjeto, servindo-lhe tanto como besta de carga quanto como amante, sem, no entanto, despertar qualquer desejo (Candido, 1993). O próprio narrador busca legitimar a repulsa do protagonista por Bertoleza, recorrendo a adjetivos depreciativos para descrevê-la, como feia, suja e imunda.

Cabe observar que, da colônia ao século XIX, as mulheres de ascendência africana, sobretudo as consideradas negras, eram submetidas a diversas formas de maus-tratos. Os gestos mais diretos e a linguagem mais depreciativa eram direcionados a elas, fossem escravizadas ou livres. As investidas sexuais eram predominantemente dirigidas às mulheres de ascendência africana; negras, cafuzas ou mulatas. Em uma sociedade racista, historicamente assentada na escravatura, como a brasileira, eram julgadas como fáceis, sendo vistas como alvos convenientes, com quem se podia ir direto ao assunto e descartar sem causar quaisquer problemas ou constrangimentos (Del Priore, 2013).

Em *O cortiço*, além das personagens Bertoleza e Rita Baiana, observa-se esses maus-tratos e investidas também na personagem Leonor, criada de Miranda, o português burguês e antagonista de João Romão. O narrador a descreve como uma negrinha ligeira e viva, lisa e seca como um moleque, conhecedora de vasto repertório de obscenidades, sendo

incessantemente assediada pelos caixeiros e fregueses da taverna de João Romão, conforme se evidencia nas seguintes passagens:

Leonor não tinha um instante de sossego, saltando de um lado para outro, com uma agilidade de mono, a fugir dos punhos calosos dos cavouqueiros que, entre risadas, tentavam agarrá-la; e insistia na sua ameaça do costume: que se queixava ao juiz de orfe! Mas não se ia embora, porque defronte da venda viera estacionar um homem que tocava cinco instrumentos ao mesmo tempo, com um acompanhamento desafinado de bombo, pratos e guizos (Azevedo, 1890, p. 82).

Em continuidade:

Ao balcão [...], o Domingos e o Manoel aviavam os fregueses, numa roda viva. Havia muitos negros e negras. O barulho era enorme. A Leonor lá estava, sempre aos pulos, mexendo com um, mexendo com outro, mostrando a dupla fila de dentes brancos e grandes, e levando apalpões rudes de mãos de couro nas suas magras e escorridas nádegas de negrinha virgem (Azevedo, 1890, p. 144).

O maior problema reside, porventura, na naturalidade conferida pelo narrador a tal comportamento, dando a entender que, embora assediada (ou melhor dizendo, violentada), a personagem, *naturalmente*, conforma-se e, ainda, contenta-se com a violência. Isso remete a uma ideia bastante comum entre os darwinistas sociais, como Nina Rodrigues, de que as pessoas de ascendência africana, devido ao desenvolvimento mental reduzido, tenderiam a apresentar um impulso sexual acentuado e violento (Seyferth, 1995).

Jerônimo, inclusive, reproduz esse mesmo comportamento com Rita Baiana, que passa a cuidar de seu ferimento após uma briga com Firmo, seu amigado, que, embriagado e enciumado, golpeia sua barriga com uma navalha. Observa-se, a seguir, a passagem em que Jerônimo agarra Rita Baiana, sem qualquer cerimônia ou constrangimento:

Ele voltou para a rapariga o seu olhar de animal prostrado e, por única resposta, passou-lhe o braço esquerdo na cintura e procurou com a mão direita segurar a dela. Queria com isto traduzir o seu reconhecimento, e a mulata assim o entendeu, tanto que consentiu; mal porém a sua carne lhe tocou na carne, um desejo ardente apossou-se dele; uma vontade desinsofrida de senhorear-se no mesmo instante daquela mulher e possuiu-a inteira, devorá-la num só hausto de luxúria [...] (Azevedo, 1890, p. 120).

Posto isso, observa-se agora a personagem Rita Baiana com maior atenção, pois o narrador a descreve de maneira profundamente estereotipada, reunindo quase todas as imagens pejorativas acerca dos mulatos produzidas no século XIX.

O narrador apresenta Rita Baiana como uma mulata pândega, pouco afeita ao trabalho, capaz de sair para uma festa em um ano e só retornar para casa no seguinte, passando meses

festejando em pagodes e rodas de samba, enquanto tivesse no bolso algum vintenzinho para continuar pandegando. Além disso, é retratada como uma mulher leviana, de amores passageiros, conforme se evidencia na seguinte conversa entre os moradores do cortiço, que aqui interessa:

Por onde andara aquele diabo, que não aparecia para mais de três meses?
— Ora, nem me fales, coração! Sabe? Pagode de roça! Que hei de fazer? É a minha cachaça velha!...
— Mas onde estiveste tu enterrada tanto tempo, criatura?
— Em Jacarepaguá.
— Com quem?
— Com o Firmo...
— Oh! Ainda dura isso?
— Cala a boca! A coisa agora é séria!
— Qual! Quem mesmo? Tu? Passa fora!
— Paixões da Rita! Exclamou o Bruno com uma risada. Uma por ano! Não contando as miúdas! —
Não! [...] Quando estou com um homem não olho pra outro! (Azevedo, 1890, p. 84).

A imagem da mulata leviana e de amores passageiros, além de naturalizar a violência contra as mulheres de ascendência africana, reforça o discurso da inferioridade inata dos africanos, que eram vistos como incapazes de qualquer apego sentimental ou de constituir laços familiares, sendo, por natureza, indiferentes a seus companheiros, semelhantes e até mesmo a seus descendentes. Para os pensadores do darwinismo social, influenciados pelas ideias de Herbert Spencer, as pessoas de ascendência africana eram consideradas incapazes de estabelecer relações sociais estáveis, oscilando sempre entre a apatia e a violência. Alguns darwinistas sociais chegavam a afirmar que toda mulher de ascendência africana escravizada se sentiria feliz ao ser escolhida por seu senhor como parceira, abandonando prontamente seu companheiro, por enxergar no senhor um homem de raça superior, a melhor escolha (Hooks, 1995 *apud* Pacheco, 2013).

Rita Baiana, mesmo garantindo lealdade a Firmo, abandona-o e cede prontamente a Jerônimo na primeira oportunidade, conforme se evidencia na seguinte passagem:

Amara [...] a princípio [o capoeira Firmo] por afinidade de temperamento, pela irresistível conexão do instinto luxurioso e canalha que predominava em ambos, depois continuou a estar com ele por hábito, por uma espécie de vício que amaldiçoamos sem poder largá-lo; mas desde que Jerônimo propendeu para ela, fascinando-a com a sua tranquila seriedade de animal bom e forte, o sangue da mestiça reclamou os seus direitos de apuração, e Rita preferiu no europeu o macho de raça superior (Azevedo, 1890, p. 253).

Além da ideia de branqueamento, visto que Rita Baiana abandona seu companheiro notadamente por causa da superioridade racial de Jerônimo, é relevante observar como o cânone

nacional fomentou no imaginário social a noção da promiscuidade inata das pessoas de ascendência africana, hiperssexualizando seus corpos, sobretudo por meio da imagem da mulata leviana e de amores passageiros.

Essa hiperssexualização teve e ainda tem efeito devastador, mormente sobre as mulheres de ascendência africana, historicamente reduzidas à condição de um corpo sem mente, disponível para uso. Para legitimar a violência sobre seus corpos, difundiu-se no imaginário social brasileiro a ideia de que essas mulheres, negras ou mestiças, seriam naturalmente predispostas ao sexo, consolidando-se a representação do erotismo primitivo e totalmente desmedido.

A hiperssexualização das mulheres de ascendência africana também se encontra representada em outros romances naturalistas brasileiros, como *A carne*, de Júlio Ribeiro. Observa-se, a seguir, a passagem na qual Lenita se vê invadida por uma necessidade orgânica (até então desconhecida) de um macho:

Invadiu-a um desalento imenso, um nojo invencível de si própria.
Robustecer o intelecto desde o desabrochar da razão, perscrutar com paciência, aturadamente, de dia, de noite, a todas as horas, quase todos os departamentos do saber humano, habituar o cérebro a demorar-se sem fadiga na análise sutil dos mais abstrusos problemas da matemática transcendental, e cair de repente, como os arcanjos de Milton, do alto do céu no lodo da terra, sentir-se ferida pelo aguilhão da *carne*, espolhar-se nas concupiscências do cio, como uma negra boçal, como uma cabra, como um animal qualquer... era a suprema humilhação (Ribeiro, 1896, p. 28-29, grifo do autor).

Em contrapartida à personagem Lenita, uma jovem de ascendência europeia que descobre gradualmente sua sexualidade em *A carne*, observa-se que a mulher de ascendência africana, devido à sua natureza racial, tem sua sexualidade determinada de forma inerente, tal como ocorre com qualquer outro animal não humano. Júlio Ribeiro, admirador do darwinismo social, ao equiparar a sexualidade da mulher de ascendência africana à de animais como a cabra ou a vaca, além de concebê-la como um corpo hiperssexualizado, ainda a posiciona no limiar da humanidade. Embora a intenção do autor fosse demonstrar que as mulheres sentiam desejos sexuais como os homens, reiteram-se, dessa forma, práticas racistas (Mauricio, 2021).

Considerado isso, em continuidade com Rita Baiana, observa-se que, além da ideia da promiscuidade inata das pessoas de ascendência africana, há também a imagem da mulata sensual. Essa representação constitui outra forma de violência, pois restringe o corpo das mulheres afrodescendentes à condição de mero objeto de desejo, desprovido de qualquer

dimensão afetiva. Essa ideia se tornou extremamente popular no imaginário social brasileiro, sobretudo após a virada do século XIX para o XX, originando uma vasta literatura entre 1930 e 1970. Um dos exemplos mais emblemáticos desse imaginário é o romance *Gabriela, cravo e canela*, de Jorge Amado.

Em *O cortiço*, contraditoriamente, a sensualidade de Rita Baiana a torna ao mesmo tempo um objeto de desejo (de posse) e de poder (que domina). Entretanto, esse poder está longe de ser algo positivo. Enquanto mulata, é permitido a ela apenas o papel de amante, pois personifica a libertinagem e, por isso, pode ser desrespeitada tanto como mulher quanto como pessoa. Seu papel social restringe-se a atrair os homens para si e ter seu corpo explorado por eles; em troca, pode explorar a boa vontade deles, conseguindo o que deseja por meio do sexo (Brookshaw, 1983 *apud* Pacheco, 2013).

Na passagem a seguir, em que Jerônimo vê Rita Baiana pela primeira vez, observa-se a construção da mulata sensual como objeto de desejo (do qual Jerônimo imediatamente deseja tomar posse) e como objeto de poder (que domina todos os seus sentidos):

E [ele] viu a Rita Baiana, que fora trocar o vestido por uma saia, surgir de ombros e braços nus, para dançar. A lua destoldara-se nesse momento, [...] a cujo refulgir os meneios da mestiça melhor se acentuavam, cheios de uma graça irresistível, simples, primitiva, feita toda de pecado, toda de paraíso, com muito de serpente e muito de mulher [...].

Naquela mulata estava o grande mistério, a síntese das impressões que ele recebeu chegando aqui: ela era a luz ardente do meio dia; ela era o calor vermelho das sestas da fazenda; era o aroma quente dos trevos e das baunilhas, que o atordoara nas matas brasileiras, era a palmeira virginal e esquivava que se não torce a nenhuma outra planta; era o veneno e era o açúcar gostoso; [...] ela era a cobra verde e traiçoeira, a lagarta viscosa, a muriçoca doida, que esvoaçava havia muito tempo em torno do corpo dele, assanhando-lhe os desejos [...].

[...] Jerônimo nada mais sentia, nem ouvia, do que aquela música embalsamada de baunilha, que lhe entontecera a alma; e compreendeu perfeitamente que dentro dele aqueles cabelos crespos, brilhantes e cheirosos, da mulata, principiavam a formar um ninho de cobras negras e venenosas, que lhe iam devorar o coração (Azevedo, 1890, p. 109-112).

Para descrever toda a sensualidade de Rita Baiana, Aluísio Azevedo a equipara à natureza brasileira, porquanto ela representa o meio tropicalizado do Brasil e seus efeitos sobre as pessoas, especialmente sobre o imigrante europeu, a quem se torna um verdadeiro perigo. Jerônimo desvia-se do trabalho, tomado pelos encantos da mulata, entregando-se a ela e adoecendo de amor. Em vista disso, observa-se uma profunda transformação no português: sua seriedade austera cede gradativamente lugar a uma alegria desmedida, passando a adotar os

costumes brasileiros, ao passo que sua vitalidade se esvai conforme seus sentidos se abrisseiram.

Na passagem a seguir, em que Piedade lamenta o abandono de Jerônimo, observa-se a ideia da influência do meio tropicalizado do Brasil e das mulatas (as Ritas Baianas) no abrisseiramento dos homens europeus:

E nos seus movimentos de desespero, quando levantava para o céu os punhos fechados, dir-se-ia que não era contra o marido que se revoltava, mas sim contra aquela amaldiçoada luz alucinadora, contra aquele sol crapuloso, que fazia ferver o sangue aos homens e metia-lhes no corpo luxúrias de bode. Parecia rebelar-se contra aquela natureza alcoviteira, que lhe roubara o seu homem para dá-lo a outra, porque a outra era gente do seu peito e ela não.
E maldizia soluçando a hora em que saíra da sua terra [...] (Azevedo, 1890, p. 266).

Em conformidade com as ideias preconizadas pelos darwinistas sociais, em *O cortiço*, observa-se que tal influência resulta, diante do contato, na degeneração social e moral de Jerônimo, que, mesmo ciente dos males de sua conduta, apresenta-se completamente vencido:

[...] Jerônimo não mandou saldar a conta do colégio, no dia seguinte, nem no outro, nem durante todo o resto do mês; e ele, coitado! Bem que se mortificou por isso; mas onde ir buscar dinheiro naquela ocasião? O seu trabalho mal lhe dava agora para viver junto com a mulata; estava já alcançado nos seus ordenados e devia ao padeiro e ao homem da venda. Rita era desperdiçada e amiga de gastar à larga; não podia passar sem uns tantos regalos de barriga e gostava de fazer presentes. Ele, receoso de contrariá-la e quebrar o ovo da sua paz, até aí tão completo com respeito à baiana, subordinava-se calado e afetando até satisfação; no íntimo, porém, o infeliz sofria deveras. A lembrança constante da filha e da mulher apoquentavam-no com pontas de remorso, que dia a dia alastravam na sua consciência, à proporção que esta ia acordando daquela cegueira. O desgraçado sentia e compreendia perfeitamente todo o mal da sua conduta; mas só a ideia de separar-se da amante, punha-lhe logo o sangue doido e apagava-lhe de novo a luz dos raciocínios. Não! Não! Tudo que quisessem, menos isso!
E então, para fugir àquela voz irrefutável, que estava sempre a serrazinar dentro dele, bebia em camaradagem com os companheiros e habituara-se, dentro em pouco, à embriaguez (Azevedo, 1890, p. 302-303).

Os darwinistas sociais mais radicais acreditavam e reiteravam que o sangue e o contato com as raças inferiores degeneravam o homem europeu, corrompendo a pureza de seus costumes e comprometendo sua cultura. Ademais, sustentava-se que era imperativo que os europeus se mantivessem separados das raças inferiores para, dessa maneira, desenvolver plenamente suas capacidades especiais, supostamente exclusivas da raça branca (Banton, 1977 *apud* Santos, 2005).

Cabe notar que os darwinistas sociais introduziram na tipologia racial a ideia da luta natural nas sociedades humanas, fosse entre pessoas da mesma raça ou de raças distintas. A

partir dessa ideia, defendia-se que os grupos humanos não europeus se situavam no limiar da humanidade, sendo considerados raças inferiores, historicamente derrotadas e fadadas ao desaparecimento. Convencidos da perspectiva poligenista, segundo a qual as raças humanas se distinguem biologicamente tanto em progênie quanto em cultura, os darwinistas sociais voltaram-se, de forma unânime, para os africanos, designando-os como a raça naturalmente antagônica à dos europeus. Assim sendo, produziram diversas teorias para justificar sua suposta inferioridade inata e incentivaram a discriminação racial como forma de eugenia (Santos, 2005).

No Brasil, os grupos intelectuais adeptos do darwinismo social oscilavam entre o pessimismo, alimentado pela ideia da inferioridade racial da maioria da população e pela noção de degeneração, e o otimismo, sustentado pela crença no melhoramento racial defendida pelos pensadores da tese do branqueamento.⁷ Independentemente da postura adotada, é importante destacar como os darwinistas sociais e os grupos intelectuais brasileiros impregnaram o imaginário social com representações negativas das pessoas de ascendência africana, associando-as à passividade, ociosidade, irracionalidade, agressividade, promiscuidade e sub-humanidade, reduzindo-as a um corpo racializado e violentamente estereotipado.

Em *O cortiço*, Aluísio Azevedo incorre em práticas racistas. Contudo, ao contrário do que ocorre em *O mulato* (cf. Azevedo, 1881), os personagens são racializados, sobretudo aqueles de ascendência africana, ao se preterir o Positivismo comtiano em favor do darwinismo social de Herbert Spencer. Se antes, em Azevedo, havia a ideia de integrar os nacionais de ascendência africana por meio de um programa educacional moralizador voltado ao trabalho, com a abolição da escravatura, essa ideia se esvaiu (assim como muitas outras de cunho reformista).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na primeira edição de *O mulato* (cf. Azevedo, 1881), Azevedo apresenta um protagonista mestiço que, contra todo o preconceito da sociedade maranhense, ciosa da pureza

⁷ No Brasil, a ideia de eugenia tomou forma com a tese do branqueamento, visto que a realidade nacional impedia a plena aplicação das teses deterministas do darwinismo social. Desse modo, os grupos intelectuais brasileiros se apropriaram do darwinismo social principalmente como instrumento político-ideológico, em detrimento de alguns de seus preceitos teóricos, porquanto, em vez de aceitarem prontamente a ideia de degeneração, defenderam que a mestiçagem geraria uma população saudável e progressivamente apta ao embranquecimento, à medida que se distanciava de sua ascendência africana. Isso demonstra que toda ideologia, como o racismo moderno, é criada e aprimorada como arma política, e não como doutrina teórica (cf. Arendt, 2012 *apud* Mauricio, 2023).

de sangue, é representado como um indivíduo moral e intelectualmente superior, mostrando que as pessoas de ascendência africana eram capazes de integração nacional, desde que submetidas a uma educação positiva. Para ele, em um contexto em que a ideia de raça ainda não estava impregnada de um determinismo biologizante, o meio social sobressaía na formação moral e intelectual das pessoas. Em *O cortiço*, por sua vez, Azevedo apresenta uma mudança expressiva quanto a essa concepção, representando seus personagens de ascendência africana de maneira racializada e, por conseguinte, estereotipada. Sob a ingerência do darwinismo social, o mestiço passa a ser representado como resultado de um processo degenerativo, predisposto ao vício, à violência e, sobretudo, à ociosidade *etc.*

Tal mudança na maneira de Aluísio Azevedo ver e pensar o mundo acompanha um movimento mais amplo na sociedade brasileira, mormente nas duas últimas décadas do século XIX, que, no pós-abolição, abandonou muitas ideias de cunho reformista, como a educação positiva das pessoas de ascendência africana, para adotar um discurso racial biologizante, que, em favor das elites, legitimava a exclusão social dessas pessoas por meio de uma suposta inferioridade racial inata. Nesse contexto, interessa observar que a tese do branqueamento eugenista, resultante do darwinismo social, passou a ser amplamente aceita como uma resposta ao *problema* da heterogeneidade racial, fomentando políticas imigrantistas e, assim, reiterando uma hierarquia social baseada na cor da pele.

Ademais, este trabalho buscou contribuir para a compreensão das representações (sociais e) raciais na sociedade brasileira do século XIX e suas relações com os discursos vigentes à época, reforçando a necessidade de revisitar constantemente o passado. Em suma, espera-se que este estudo possa, de alguma forma, fomentar novas pesquisas sobre a temática e, conseqüentemente, novas análises sobre essas representações.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Aluísio. **O cortiço**. Rio de Janeiro: Garnier, 1890.

AZEVEDO, Aluísio. **O mulato**. Maranhão: Typ. do Paiz, 1881.

BOLSANELLO, Maria. Darwinismo social, eugenia e racismo. In: **Educar**. n. 12. Curitiba: Edufpr, 1996. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/educar/article/view/36031>. Acesso em: 15 out. 2025.

CANDIDO, Antonio. De cortiço a cortiço. In: CANDIDO, Antonio. **O discurso e a cidade**. São Paulo: Duas Cidades, 1993.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural**. Entre práticas e representações. Lisboa: Difel, 1990.

DEL PRIORE, Mary. **Conversas e histórias de mulheres**. São Paulo: Planeta, 2013.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: Edufba, 2008.

MAURICIO, Marlzonni. Raça e racismo no Brasil. Problemas teóricos e históricos. In: FERREIRA, Lorena; MAURICIO, Marlzonni; JESUS, Paulo (Orgs.). **A pesquisa histórica e suas múltiplas abordagens**. Teresina: Cancioneiro, 2023.

MAURICIO, Marlzonni. Racismo n'A carne. Uma análise concisa das representações dos personagens negros no romance de Júlio Ribeiro. In: **Espaço Acadêmico**. n. 228. mai./jun., 2021. Disponível em: <https://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/54765/751375152077>. Acesso em: 15 out. 2025.

PACHECO, Ana. **Mulher negra**. Afetividade e solidão. Salvador: Edufba, 2013.

PESAVENTO, Sandra. Literatura, História e identidade nacional. In: **Vidya**. v. 19. n. 33. Santa Maria: jan./jun., 2000. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/186220/000297477.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 15 out. 2025.

RIBEIRO, Júlio. **A carne**. 2. ed. São Paulo: Livraria Teixeira, 1896.

SANTOS, Gislene. **A invenção do “ser negro”**. Um percurso das idéias que naturalizaram a inferioridade dos negros. São Paulo: Educ/Fapesp; Rio de Janeiro: Pallas, 2005.

SCHWARCZ, Lilia. **O espetáculo das raças**. Cientistas, instituições e questão racial no Brasil (1870 – 1930). São Paulo: Cia. das Letras, 1993.

SEYFERTH, Giralda. A invenção da raça e o poder discricionário dos estereótipos. In: **Anuário Antropológico**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/anuarioantropologico/article/view/6581/7559>. Acesso em: 15 out. 2025.

SKIDMORE, Thomas. **Preto no branco**. Raça e nacionalidade no pensamento brasileiro (1870 – 1930). São Paulo: Cia. das Letras, 2012.

ZOLA, Émile. **Le roman expérimental**. 5. ed. Paris: G. Charpentier, 1881.